

ACTAS VIII

1º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
FACULDADE DE LETRAS
12 - 18 OUTUBRO
1993



1º CONGRESSO
de ARQUEOLOGIA
PENINSULAR

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

S.P.A.E.
S O C I E D A D E
P O R T U G U E S A D E
A N T R O P O L O G I A
E E T N O L O G I A



TRABALHOS DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOL. XXXV (Fasc. 4)

**1.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VIII

Capa: Rocha gravada de Penascosa, Castelo Melhor (Rio Côa)
(Paleolítico Superior) (Foto: Vítor O. Jorge)

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

ARQUEOLOGIA DO VALE DO CÔA - A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA QUINTA DE SANTA MARIA DA ERVAMOIRA

por

Gonçaves Guimarães*

Resumo: Descoberta em 1984 devido ao aparecimento de um sarcófago medieval num terreno que se destinava ao plantio da vinha, o estudo desta estação tem prosseguido todos os anos no Verão desde 1985, tendo entretanto revelado estruturas romanas, paleocristãs, alti-mediélicas e medievais de grande interesse para o estudo do povoamento do Vale do Côa e de Riba-Côa. Esta estação, bem assim como muitas outras ainda não intervencionadas, encontra-se ameaçada pela construção da barragem do Côa.

Palavras-chave: Paleocristão. Medieval. Côa.

A DESCOBERTA DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Em finais de 1984, quando se estudava o aumento da área de implantação da vinha na Quinta de Santa Maria da Ervamoira localizada na margem esquerda do Vale do Côa em frente de Castelo Melhor, foi descoberto um sarcófago medieval em granito com aspecto muito antigo. A administração da firma Adriano Ramos-Pinto, Vinhos SA, proprietária da Quinta e com sede em Vila Nova de Gaia, contacta então dois arqueólogos do Gabinete de História e Arqueologia desta cidade que vinham estudando um projecto de investigação em Arqueologia Medieval no Vale do Douro, respectivamente Gonçaves Guimarães e Maria da Graça Peixoto que, tendo-se deslocado ao local em Novembro daquele ano, constataram que aquele vestígio arqueológico deveria datar, pelo menos, da Idade Média Plena. Mais concluíram que aquele achado não podia estar ali isolado, sobretudo considerando que se tratava de uma peça de granito numa área de xisto, mas que deveria fazer parte de uma estrutura que o justificasse e que então não era visível. No ano seguinte, na Primavera, tendo solicitado a devida autorização do IPPC, iniciaram

* Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia e Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense – Infante D. Henrique – Porto.

escavações naquela colina sobranceira ao rio Côa, vindo a descobrir que o sarcófago (Sector I) tinha sido colocado sobre uma sepultura cavada no afloramento de xisto na sua área mais elevada, indício da existência de uma possível necrópole. As prospecções de superfície entretanto realizadas revelaram mais alguns materiais tardo-romanos e alti-mediévidicos a uma cota mais baixa, o que indiciava a existência de uma estação arqueológica cuja importância e extensão se desconhecia e que era absolutamente inédita na escassa bibliografia e fontes documentais consultadas.

No Verão seguinte, a primeira equipa dirigida pelos referidos arqueólogos inicia escavações sistemáticas vindo a descobrir as ruínas de uma casa medieval do século XIII (Sector II-A) e uma oficina de ferreiro também medieval, junto da qual se encontraram os vestígios de um forno de fundição de minério de ferro, para além de alguns outros utensílios relacionados com esta actividade.

A CONTINUIDADE DOS TRABALHOS

Desde o ano de 1985, em todos os meses de Julho e Agosto, diversas equipas dirigidas pelos referidos arqueólogos e compostas por estudantes universitários e do ensino secundário, a quem se juntam outros voluntários que totalizaram ao longo destes anos seis dezenas de participantes, puseram a descoberto o edifício romano de uma *mutatio* anterior ao século IV, uma *taberna* do século IV (Sector II-B) a qual, conjuntamente com outras estruturas em escavação (Sectores VI; VII; VIII) deverá ter feito parte de uma *mansio*, a qual, por sua vez, teve ocupação no período visigótico, durante o qual se construiu aqui uma *basilica* ou *oratoria villarum* (Sector IX) de planta rectangular e com vestígios de iconostásis, datável do século VI pelo aparecimento de um *crismon* cruzado. A enorme quantidade de cerâmica exumada demonstra uma intensa ocupação, embora descontínua, entre o Baixo Império, o período visigótico, a Alta Idade Média e a Idade Média Plena. Aqui se cruzaram os portadores de cerâmicas romanas de paredes finas, de *sigillata hispânica tardia*, *sigillata africana tardia* e também de cerâmicas comuns, algumas de possível fabrico local, nomeadamente muitos *dolia*, *tegulae* e *imbrices*.

O estudo desta estação está longe de estar concluído, não só porque as estruturas já postas a descoberto ainda não estão todas estudadas, como o numeroso espólio exumado requer demorados e pacientes estudos laboratoriais pois encontra-se muito fragmentado e foi disperso pelo arado quando, em tempos, o terreno onde se encontra a estação foi lavrado.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

No entanto algumas conclusões podem ser já tiradas: tudo leva a crer que estamos perante uma *mansio* tardo romana, situada em lugar estratégico para

controle, na passagem a vau no Rio Côa, da estrada que de Longobriga (hoje Longroiva) seguia para Calábria, uma *civitas* na margem sul do rio Douro cujo nome poderá advir, segundo uma interpretação alheia que fazemos nossa de *Cale + Briga*, ou seja, a fortificação que defendia a passagem (*cale*) de um rio, neste caso o Douro.

Esta povoação que aguarda escavações arqueológicas, foi sede de bispado no período visigótico. Assim se justificaria também a existência em Ervamoira de uma grande diversidade de cerâmica vinda de longínquas paragens, conforme já atrás ficou dito. O facto de a Quinta actual ser um dos poucos terrenos planos de grande dimensão existentes neste Vale, e mesmo no Douro superior, permitia o acampamento de soldados romanos em trânsito, talvez destinados ao controlo do trabalho nas minas de prata e chumbo existentes nas proximidades. Recordemos ainda a necessidade de apoio logístico dos viajantes aquando das enxurradas do Inverno e da Primavera que tornariam frequentemente impraticável a passagem a vau do Côa devido às súbitas cheias. Aqui poderia igualmente localizar-se um porto fluvial que permitiria a atracagem de barcos carregados com destino ao Douro ou daí provenientes e que, devido à acumulação de pedras e areia neste vau, não podiam navegar mais para montante.

Uma primeira *mutatio* terá sido abandonada ou destruída e depois recuperada, com novas construções, no século IV, mas que vieram depois a sofrer sorte idêntica. A ocupação no período visigótico construiu a *basilica* paleocristã com *tegulae* profusamente decoradas, uma das quais com o *crismon*, marca inconfundível do cristianismo em difusão pelo que restava do Império Romano. No espaço interior da planta rectangular deste edifício apareceram dois fragmentos de mandíbula humana, possivelmente as relíquias do *martir* a quem a *basilica* foi dedicada, pois devido ao facto de esta assentar sobre uma plataforma aplanada e talhada no xisto, afasta de imediato qualquer possibilidade de enterramento no local. Poderá ter sido destruída pelas invasões árabes do século VIII; em 716 Calábria foi abandonada depois de apertado cerco. É também provável que, perdida a importância viária do período romano, a *mansio* se tenha transformado num *vicus* ocupado pela família de algum legionário veterano: assim se justificaria o aparecimento de *cossoiros* e pesos de tear, objectos domésticos indicadores de alguma sedentarização.

A ESTAÇÃO E O SEU ENQUADRAMENTO

A destruição de parte dos edifícios anteriores para construir outros por cima, ou no seu interior, leva a crer que a ocupação do local nunca foi contínua e teve sempre a ver com a importância estratégica atribuída a esta passagem. A subsis-

tência estava assegurada pelas possibilidades de agricultura no nateiro aqui existente na margem do rio, onde ainda hoje vicejam oliveiras multicentenárias.

No século XIII, ou mesmo antes, volta a haver uma efectiva ocupação deste lugar, talvez conjugada com o facto de o Rio Côa ser então a fronteira entre os reinos de Leão e de Portugal.

Já então a Quinta deveria ter a invocação, tão ao gosto moçárabe, de Santa Maria, devendo datar destes séculos o eremitério ou capela cujas ruínas ainda hoje ali existem, junto de uma nascente de água boa que nunca seca, ao lado do caminho que conduzia, pela falda da colina, até à actual estação arqueológica. Ainda não foi possível aqui concretizar qualquer intervenção, mas o sarcófago encontrado perto em 1984, se não for mais antigo, poderá estar relacionado com esta construção religiosa, cuja memória se manteve até hoje, e ter sido daqui deslocado em época indeterminada.

Com o tratado de Alcanizes de 1297, que colocou a fronteira na ribeira de Aguiar, paralela ao Côa e também afluente da margem esquerda do Douro, mas mais para nascente, este lugar volta a perder importância e entra no esquecimento que a vegetação espontânea foi cobrindo. Os poucos moradores que terão ficado no lugar para grangear os terrenos disponíveis construíram um novo aglomerado, cujas ruínas ainda existem mais para montante, perto do assento da ponte que se tentou construir no século XVII, mas que uma enxurrada levou rio abaixo, restando hoje apenas os dois encostos, cada um em sua margem, e alguma cantaria granítica perdida no leito do rio.

Entretanto desenvolvia-se no pequeno planalto no cimo da elevação entre a depressão de Longroiva e o Vale do Côa, a povoação das Chãs, junto de um antigo castro e apresentando importantes vestígios romanos e medievais que estão por estudar, tendo entretanto alguns vindo a ser sistematicamente destruídos por ignorância. Aqui se terão concentrado os descendentes dos antigos habitantes das Quintas de Santa Maria, da Barca e de outras propriedades igualmente possuídas de importantes estações arqueológicas ainda por intervencionar. Segundo uma antiga lenda que ainda corre, a imagem de roca de Nossa Senhora existente na actual igreja das Chãs, uma desgraçada construção moderna que destruiu o antigo templo, terá sido levada da capela que existia na Quinta de Santa Maria.

Uma nova Casa da Quinta foi construída, talvez já no século XVIII, aproveitando em parte a cantaria granítica da inconcluída ponte sobre o Côa, material aqui raro para a abertura de portas e janelas, que os paramentos das paredes são de xisto local. O nome recente de Ervamoira foi-lhe dado pela sua similitude cenográfica e vivencial com o romance do mesmo nome da escritora francesa Suzanne Chantal (1982), que lhe serviu de madrinha, já na posse dos actuais proprietários. O Sr. José Sobral, da família dos antigos donos e actual feitor da Quinta, homem enrijecido por muitos Invernos de gelo e infernos de calor do

Verão ali passados a grangear, outrora as searas e, desde 1974, as famosas vinhas de Vinho do Porto e de mesa, quando viu as equipas de Arqueologia a desenterrarem aos poucos um passado a caminho dos dois mil anos, comentou: «tantas vezes lavrei este monte e quem havia de dizer que tinha casas dos antigos aqui debaixo da terra. Realmente o arado aqui se me partiu várias vezes».

Efectivamente, não obstante a destruição, o abandono, e o esquecimento a que os tempos votaram estas ocupações antigas, a Arqueologia tem vindo a revelar uma ocupação notável do Vale do Côa e de todo o Douro Superior, desde a pré-história até aos tempos mais recentes, quando começou a concentração da população em povoações e quintas.

O FUTURO DO VALE E DA SUA ARQUEOLOGIA

A aposta governamental na construção de uma barragem de duvidoso interesse público que irá submergir grande parte do Vale terminal do Côa, sem que estas antigas ocupações estejam estudadas, é um crime de lesa-cultura que se estende à destruição de uma vasta área de grande aptidão vinícola, um Património em que Portugal ainda se revê. Consumar-se-á assim a destruição da paisagem e do trabalho das gentes actuais, numa desgraçada similitude com os abandonos ou destruições antigas que nos deixaram estes vestígios arqueológicos.

A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira tem ainda muitos dados para revelar com a continuidade dos trabalhos até ao seu estudo total. Terminados estes, as ruínas deviam ser transformadas num pólo de atracção da Quinta e do Vale e o espólio recolher a um pequeno núcleo museológico local, cujo projecto estamos a elaborar. O futuro do Vale do Côa e da sua Arqueologia está no entanto dependente de decisões políticas e do modelo de desenvolvimento que se pretende para a região. A escolha é entre um crescimento sustentado, no qual os Patrimónios natural, cultural e vinícola têm um importante papel a desempenhar e então o estudo, conservação e valorização desta estação — e de todas as outras — estará assegurado ou, pelo contrário, um modelo de desenvolvimento tecnocrático, desumanizado e extremamente agressivo que voltará a dar a Foz Côa uma nova «Lagoa», desta vez gigantesca, com água tão ruim de beber que, tal como aconteceu com a que outrora existiu na vila, os próprios animais a recusarão, ainda que a sede seja insuportável. Mas desta vez a culpa não será do clima. Sabemos os nomes daqueles que a nossa e as futuras gerações irão amaldiçoar. Parem o monstro enquanto é tempo.

BIBLIOGRAFIA

- CHANTAL, Suzanne (1982): *Ervamoira*. Olivier Orban, Paris.
- GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, M^a da Graça (1987): "Vila Nova de Foz Côa: Quinta de Santa Maria de Ervamoira" in *Informação Arqueológica*, nº 8. Secretaria de Estado da Cultura; Instituto Português do Património Cultural; Departamento de Arqueologia, Lisboa.
- GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, M^a da Graça (1988): *A Estação Arqueológica da Santa Maria da Ervamoira — Muxagata — Vila Nova de Foz Côa — Notícia Preliminar*; Quinta da Ervamoira I, Adriano Ramos-Pinto (Vinhos) S.A.R.L., Vila Nova de Gaia.
- GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, M^a da Graça (1989): "A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira — Muxagata — Vila Nova de Foz Côa — Novos Dados", in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*; Governo Civil do Distrito de Viseu, Viseu.
- GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, M^a da Graça (1995): "A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira — Muxagata — Vila Nova de Foz Côa — Notícia Preliminar" (corrigida) in *Gaya*, vol. VI (1988-1994), Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro — Arqueologia; Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Gaia.
- TRABULO, Joaquim (1992): *Chãs de Foz Côa — A sua História, a sua Gente (Monografia)*. Edição do Autor; Carvalhos, Vila Nova de Gaia.



Aspecto parcelar da estação, sendo visíveis estruturas romanas, paleocristãs e medievais.



Localização da estação junto do Rio Côa.